

ANÁLISE DE PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE MULHERES QUE FAZEM EXAME PAPANICOLAU EM UNIDADE DE SAÚDE EM CAJAZEIRAS-PB E RALAÇÕES COM HPV

Áreas Temáticas

Saúde e Educação

Autora

Janiele Maria Vasconcelos Mota

Instituição

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Resumo

Descrição e análise de dados coletados e vivenciados durante aplicação de projeto de extensão universitária com enfoque na prevenção de câncer de colo uterino em Estratégia de Saúde da Família PAPS- São José, localizada no município de Cajazeiras-PB.

Palavras-chave

HPV; Papanicolau; Câncer de colo de útero.

Introdução

“A infecção do trato genital pelo HPV representa a doença viral sexualmente transmissível mais comum na atualidade, afetando cerca de 20% a 40% da população feminina sexualmente ativa e é um problema importante de saúde pública devido à sua associação evidente ao câncer do colo uterino na mulher e potencial a outras doenças malignas ano-genitais.”(PEREYRA et al, 2013)

Estima-se que das mulheres infectadas, cerca de 1% desenvolverão câncer de colo de útero em decorrência do Papiloma Vírus Humano (HPV). O HPV constitui um conjunto de vírus, transmitido sexualmente, que após infecção, pode ocasionar sintomas, principalmente no sexo feminino, como verrugas genitais. Ainda no sexo feminino, uma classe desses vírus pode gerar lesões sérias no colo do útero, que variam de grau I a III, com possibilidade de evolução para câncer de colo de útero.

Mesmo com uma estimativa tão alta de infecção e evolução desse vírus em mulheres, as medidas preventivas mais comuns ofertadas no sistema único de saúde do Brasil correspondem ao exame citológico Papanicolau e, mais recentemente, à distribuição de vacinas para adolescentes em idade de 11 a 13 anos.

Percebe-se, pois, que mesmo com essas medidas preventivas, há uma grande dificuldade de se conter a transmissão e proliferação desse vírus e de se evitar complicações de sintomas manifestados quando há infecção. Há, ainda, uma considerável negligência quanto a qualidade de vida e o cuidado com a mulher infectada, e um subestimação do potencial de responsabilidade na transmissão e perpetuação da infecção intrínseca ao sexo masculino.

Outro fator agravante consiste nas poucas indicações de coleta sorológica para análise de infecção pelo método de PCR e na não adesão do teste de Shiff como rotina dos exames ginecológicos, tais medidas poderiam resultar em um aceleração do tratamento para os casos em que a sorologia fosse positiva ou em que as lesões encontradas fossem identificadas com potencial cancerígeno, respectivamente.

Nas unidades de atenção básica do município de Cajazeiras, a demanda às questões de saúde da mulher é organizada em um único dia por semana, gerando algumas dificuldades operacionais, principalmente referentes à coleta de exames ginecológicos, assim, quando há carência de lâminas histológicas e suabe, ou quando os laboratórios de análises histológicas estão sobrecarregados, há suspensão dos exames, deixando as mulheres à mercê da própria sorte e da própria proteção imunológica.

Esse trabalho, em vista do contexto apresentado, vem discorrer sobre experiência vivenciada em Projeto de Extensão Universitária sob a perspectiva da mulher que vem ao SUS quanto à infecção pelo HPV e a prevenção de câncer de colo de útero.

Objetivo

Esse trabalho tem por finalidade detalhar as dificuldades encontradas na sistematização do controle epidemiológico da infecção pelo HPV contextualizada na ESF especificada; evidenciar e correlacionar os dados coletados nas entrevistas; explicar sobre a situação da mulher quanto à infecção pelo HPV; possibilitar correlações sobre a situação abordada com outras unidades de saúde; frisar a importância de métodos de soluções mais eficazes para a prevenção de câncer de colo de útero.

Justificativa

A temática abordada é de fundamental importância para o entendimento, aplicação e elaboração de políticas públicas de saúde voltadas para a mulher, visto que a infecção por HPV acomete um grande número de pessoas do sexo feminino, sendo interessante traçar um perfil epidemiológico das pacientes que recorrem ao SUS. Além disso, a divulgação desse projeto de extensão poderá servir como base para a aplicação de projetos similares em outras comunidades, contribuindo para o esclarecimento sobre a infecção por HPV e, conseqüentemente, para a redução dos índices de câncer de colo uterino.

Metodologia

Análise e contextualização de dados coletados em Projeto de Extensão Universitária vinculado à Universidade Federal de Campina Grande, no campus de Cajazeiras, em parceria com a Estratégia de Saúde da Família (ESF) PAPS e São José, que se realizou no período de agosto de 2013 à março de 2014, sob orientação do Médico Ginecologista Guilherme Padilha.

O Projeto acima referido (Prevenção de Câncer de Colo de Útero) consistia na realização de entrevistas orientadas, seguidas de esclarecimentos sob a contextualização da infecção por HPV, aplicadas por estudantes de enfermagem e de medicina em mulheres que já tivessem atividade sexual, em dias de demanda voltada para a Saúde da mulher, na respectiva ESF especificada, a fim de testar os conhecimentos dessas pacientes sobre o HPV, simultaneamente, esclarecer possíveis dúvidas e alertá-las para a importância de realizar o exame ginecológico com a frequência recomendada.

A entrevista era constituída por 28 questões, que englobava desde itens de identificação como nome, idade e endereço, até hábitos de vida como fumar, ingerir bebidas alcoólicas, usar anticoncepcionais etc.

Outras perguntas referiam-se ao próprio conhecimento sobre HPV: se a paciente já teria sido infectada por esse vírus, se sabia como se dava a transmissão e como seria possível preveni-la.

Resultados

Foram entrevistadas 28 pacientes, com idades entre 19 e 59 anos, cadastradas em ESF PAPS- São José.

- A média de idade das pacientes entrevistadas foi de 30,93 anos;
- A média de idade da primeira relação sexual foi 17,54 anos;
- 19 das 28 pacientes já haviam engravidado, sendo a média de idade da primeira gestão igual a 19,9 anos;
- Das pacientes entrevistadas: 2 relataram ter nível de escolaridade superior completo; 8, superior incompleto; 6, ensino médio completo; 2, ensino médio incompleto; 10, ensino fundamental;
- 18 das 28 pacientes não usam anticoncepcional, porém, 4 dessas já o usaram em algum momento da vida;
- Dentre as que fizeram ou fazem uso de anticoncepcional a média de tempo de uso foi de 5,62 anos, sendo o tempo mínimo encontrado de 8 meses e o máximo, de 15 anos;
- 11 pacientes afirmaram não fazer o exame ginecológico preventivo com frequência;
- 20 pacientes acreditam que as mulheres não fazem o exame Papanicolau com frequência por motivo de vergonha; 9, por motivo de descaso; 8, por medo; 2, por desinformação; 3, por dor; sendo que 11 pacientes relataram mais de um motivo;

- 15 das 28 pacientes sabiam o que é o HPV, mas apenas 12 sabiam prevenir a infecção por esse vírus, afirmando como o principal meio de prevenção o uso de preservativo masculino;
- 2 das 28 pacientes relataram infecção por HPV; estando uma em fase de latência da infecção e a outra, de atividade (com aparecimento de papilomas ano-genitais);
- 24 das 28 pacientes afirmaram conhecer a frequência recomendada para a realização do exame ginecológico, das quais 17 apontaram ser anualmente, 6 referiram ser semestralmente e 1, disse ser de 4 em 4 meses.
- 16 das 28 pacientes responderam que gestante não pode fazer o exame ginecológico de rotina; 11, responderam que pode; 1, disse não saber informar;
- Relacionando escolaridade com uso de anticoncepcional, realização de exames preventivos com frequência, conhecimento sobre HPV e conhecimento sobre como prevenir a infecção pelo HPV, avaliando as pacientes que tinham apenas nível fundamental verificou-se que: 4 de 10 usavam ou já usaram anticoncepcional; 6 de 10 faziam o exame ginecológico com frequência; apenas duas afirmaram ter algum conhecimento sobre HPV; duas sabiam como prevenir a infecção pelo vírus.

Discussão

Os dados mais importantes sob a perspectiva da prevenção de câncer de colo de útero parecem ser os relacionados ao HPV e a realização de exame ginecológico preventivo, o Papanicolau, com frequência, verificando-se que apenas 15 pacientes referiram ter alguma informação sobre esse vírus, somente 12 sabiam como prevenir a infecção, mas uma grande quantidade afirmou conhecer a frequência recomendada para a repetição do exame, assim, conclui-se que muitas mulheres não compreendem a importância e o significado da realização do exame ginecológico, embora o façam frequentemente como possível impacto de campanhas públicas e midiáticas.

Algumas dificuldades foram evidenciadas durante a realização do projeto como a fragilidade do tipo de atenção preventiva oferecida na ESF local em virtude de problemas estruturais e organizacionais que embargavam frequentemente a realização do exame, tais como: falta de material como as lâminas histológicas, ineficiência do laboratório contratado para análise dos exames coletados conforme a demanda; falta de pagamento ao laboratório terceirizado responsável pelas análises das lâminas; recessos extensos das atividades da ESF; indisponibilidade dos enfermeiros responsáveis pela coleta em vista de sobrecarga de funções administrativas e coincidentes.

Essas fragilidades devem ser ressaltadas a fim de se investigar seus impactos sobre a incidência de infecção pelo HPV e de adoecimento por câncer de colo uterino.

Importa esclarecer que mesmo quando os exames eram suspensos, normalmente apareciam pacientes na ESF para realiza-los, assim, nesse período, as oportunidades de acompanhar exames ginecológicos foram poucas, mas conseguia-se entrevistar uma parte do público-alvo previsto.

Observou-se, ainda, inclusive na estruturação do próprio projeto, que a responsabilidade de evitar e tratar a manifestação do HPV é detida à mulher, esquecendo-se, em paradoxo, que o homem também tem um grande papel, provavelmente mais atuante, na transmissão e propagação da doença, merecendo, também, ser alertado e orientado sobre a possibilidade de infecção pelo HPV e de transmissão desse vírus, vislumbrando-se, assim, a possibilidade de criação de políticas mais abrangentes.

Conclusão

A análise dos dados, mesmo em pequena quantidade, permite verificar que muitas mulheres ainda não fazem associação entre a infecção por HPV e desenvolvimento de câncer de colo de útero. Sem compreender essa relação, acabam não realizando o exame histológico Papanicolau com frequência, mesmo sabendo a recomendação enfatizada pelas unidades de atenção e seus profissionais.

A realização de projetos como esse, no intuito de esclarecer tal relação, mostram-se positivos visto que, impactando positivamente a comunidade local, pode-se haver uma melhora na compreensão de fatores de adoecimento e de maneiras de evita-lo.

Percebe-se, no entanto, a carência na assistência às mulheres em vista de fragilidades estruturais; e a pouca abrangência das políticas públicas, que nesse caso poderiam englobar mais o sexo masculino, visto que esse também tem grande responsabilidade na perpetuação do ciclo da infecção pelo HPV.

Referências Bibliográficas:

Borsato, A. Z.; Vidal, M. L. B.; Rocha, R. C. N. P.; Vacina contra o HPV e a Prevenção do Câncer do Colo do Útero: Subsídios para a Prática. Revista Brasileira de Cancerologia 2011; 57(1): 67-74.

Dores, G. B. Epidemiologia do HPV. Disponível em: <<http://www.hpvinfosite.com.br/hpv-1.htm>> Acesso em: 21.fev. 2014.

Maluf, M.; Perin, P. M. HPV e Gestação. Disponível em <http://www.hpvinfosite.com.br/hpv-15.htm> Acesso em: 23. Fev. 2014.

Peryra, E. A. G; Parellada, C. I. HPV nas Mulheres. Disponível em: <<http://www.hpvinfosite.com.br/hpv-15.htm>>. Acesso em 19.fev.2014.

Rivoire, W. A.; Corleta, H. V. E.; Brum, I. S.; Capp, E. Biologia molecular do câncer cervical. Rev. Bras. Saúde Matern. Infant., Recife, 6 (4): 447-451, out. / dez., 2006.